

# Universidade

# Livre

Telefone n.º 4322

*Instruir é construir.*

V. HUGO

*A vida deve ser uma educação incessante sem treguas; é necessário aprender desde o nascimento até á morte.*

G. HAUBERT

## BOLETIM MENSAL

ANO II

N.º 17

MAIO DE 1915

### SUMARIO:

#### CONFERENCIAS E LIÇÕES NA UNIVERSIDADE

EXTRATO DAS CONFERENCIAS REALISADAS PELO  
SNR. CARLOS FERREIRA,  
AGENTE COMERCIAL  
OFICIAL EM BRUXELAS.

*A Belgica em tempo de paz* Pag. 79

*Questionario* . . . . . » 99

*Balancête do mês de Maio de 1915* . . . . . » 100

LISBOA.

PROPRIETARIO: ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

♦ ♦ ♦ ♦ ♦ Universidade Livre.

DIRECTOR E EDITOR: ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

♦ ♦ ♦ ♦ ♦ J. Matos Rodrigues.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: ———

———Praça Luis de Camões, 46, 2.º

Composto e impresso na Tipografia  
Eduardo Rosa, Rua da Madalena, 31

### PREÇOS:

AVULSO, 5 CENT.

ASSINATURA ANUAL, 50 CENT.

# Lições de Francês

por ALFREDO APELL



Editadas pela Universidade Livre e adotadas na sua classe de francês.

Este metodo impõe-se pelo nome do seu autor que é a melhor garantia do cuidado e orientação pedagogica que presidiu á sua elaboração.

**Preço, 1 Escudo**

Desconto aos socios

---

**Universidade Livre**

Cursos noturnos e permanentes de

**Português**

**Francês**

**Inglês**

**Alemão**

**Algebra**

**Contabilidade**

**Arithmetica**

**Calculo comercial**

**Geografia**

**Caligrafia**

**Taquigrafia**

**Dactilografia**

**Modelação**

**Desenho.**

# CONFERENCIAS E LIÇÕES

## NA UNIVERSIDADE ❧ ❧ ❧

Extrato das conferencias realisadas pelo Snr. Carlos Ferreira, agente comercial official em Bruxelas

### A BELGICA EM TEMPO DE PAZ

Nos meados de Julho de 1914, isto é, nas vespéras de rebentar a terrível guerra, a Belgica era um paiz cuja existencia decorria com certa indiferença do mundo. Falava-se pouco da Belgica e uma grande parte daqueles que dela falavam não a conheciam.

Em Portugal, a Belgica passava tão despercebida como nós passamos no estrangeiro. Ha porém um ligeiro... contraste que devo esclarecer: qualquer dos jornaes da Europa, por vezes, citava a Belgica como centro de actividade e modelo de organização social; nós, porém, quando figuramos nas colunas desses mesmos jornaes é geralmente duma maneira tão honrosa... que me não atrevo a descrevel-a. Entre nós, sabia-se alguma coisa daquele interessante país pelas cartas dos correspondentes e pelo laconismo dos telegramas publicados nas gazetas, ou então pelas impressões dos excursionistas. Era tudo. Hoje, porém, a Belgica — infelizmente para ela — não se escapa do pensamento dos povos e vive no intimo dos homens honrados e humanitarios. Circumstanças absolutamente desgraçadas e tristes provocaram tão rapida transição. Hoje a Belgica é discutida e admirada como nós já fomos, mas não tornamos a ser. Não ha ninguem que não manifeste uma ancia expontanea e sofrega de a conhecer ou pelo menos de ouvir falar dela.

Eu, dispondo mais de boa vontade que propriamente de conhecimentos, vou tentar em duas palestras dizer o que sei e o que vi. Não tenho a pretensão de gravar no espirito de V. Ex.<sup>as</sup> conhecimentos profundos e duma verdade infalivel, mas desejo deixar-lhes uma impressão, embora vaga mas sufficiente para formarem um juizo sobre a Belgica.

Antes de falar do país «em tempo de guerra», entendi que em primeiro lugar devia apresental-o «em tempo de paz», isto pela razão já exposta, ou seja, não ser conhecido.

Realmente como podem os portuguezes conhecer a Belgica com a qual nunca se importaram, se é certo viverem ha tantos anos para conhecer o Brasil que muito lhes interessa, e afinal ainda o não conhecem como muito bem disse recentemente nesta mesma sala o meu amigo José Simões Coelho?!

Infelizmente, o facto é duma verdade tão clara e tão luminosa como a propria luz.

\*

\*      \*

A confederação dos Belgas atravessou o Rheno cerca de 400 anos antes da era cristã e veio estabelecer-se na Galia já então occupada por varias raças e que lhe deram o nome de *Bolg*. Este nome, embora de origem alemã, não impediu que a maioria dos historiadores apresentasse mais tarde a tribu dos *Bolgs* como celtica e não como germanica.

O territorio que eles occupavam era então duma superficie muito superior á Belgica actual.

Estes povos, genuinamente guerreiros e que viviam entre florestas impenetraveis, consideradas naquele tempo como arma superior de defeza, lutaram heroicamente contra Cesar, mas no ano 51 foram vencidos pelo celebre imperador romano. O territorio dos *Bolgs*, recebendo o nome de Belgica, converteu-se depressa numa das maiores e mais importantes divisões da Galia sob o dominio de Cesar.

O dominio romano tinha já uma existencia de 450 anos na epoca em que os *Franks* (franceses) assaltaram a Galia. E então — facto extraordinario! — da Belgica

saiu a invasão dos barbaros que fundou a nação franceza; e foi ainda a Belgica quem deu o braço á dinastia Carlovingiana. Morreu o governo dos romanos e ela passou a fazer parte do reino dos franceses.

Em 834 foi englobada na Loctaringia. No começo do seculo VII a Belgica era ainda pagã, mas apareceram varias monjas que consagraram os seus haveres á construção de mosteiros e entre aquelas cita-se Santa Gertrudes.

No seculo IX os grandes senhores tornaram-se independentes tanto da soberania francesa como alemã, facto este que deu origem á formação sucessiva dos condados de Flandres, do Hainaut, de Namur e ainda dos de Louvain ou Brabante, de Luxemburgo e de Limburgo, que mais tarde foram elevados ao grau de ducados. Mas dois seculos depois, os principes deixam-se arrastar insensivelmente á criação das Comunas e surge então a casa de Borgonha que transformou por completo a situação politica do país.

A casa de Borgonha conservou a posse dos Países-Baixos até 1477, data em que a filha de Carlos Temerario casou com o arquiduque Maximiliano, filho do imperador Frederico III; em virtude desta aliança celebre, pretexto duma luta de dois seculos, as provincias de Flandres e de Artois passaram para a *Casa d'Austria*, a quem pertenceram 320 anos.

Durante a menor idade de Carlos quinto, neto de Maximiliano, o governo foi confiado a sua tia Margarida. Graças á habilidosa administração desta princeza, o país teve uma vida tranquila e progrediu. Morreu em 1530. No ano seguinte Carlos quinto nomeou sua irmã Maria, viuva de Luís II, rei da Hungria, governanta dos Países-Baixos, e em 1555 entregou-o definitivamente a seu filho Filipe II, rei de Hespanha.

A Belgica atingiu nesta epoca o mais alto grau da opulencia. Todavia a reforma religiosa que perturbava a Hespanha devia produzir efeitos neste país, tanto mais que o rei quiz ser rigoroso para com os protestantes. A presença de 3000 fantasmas hespanhoes, a criação de novos bispados e sobretudo a Inquisição provocaram o levantamento do país.

Margarida de Parma, filha natural de Carlos quinto e que o rei havia nomeado governanta dos Países-Baixos,

porque o trono de Hespanha o obrigava a viver longe, procurou fazer varias concessões aos descontentes, mas tudo foi infrutifero, porque os fidalgos exigiam a abolição dos editos contra os protestantes.

Filipe II mandou então o duque d'Alba com plenos poderes para exercer as mais severas repressões e a duqueza de Parma retirou para a Italia.

Estamos em meados de 1568, data em que se estabeleceu um verdadeiro periodo de terror. As execuções multiplicavam-se de dia para dia e o enviado do rei não teve a menor hesitação em atirar para o cadafalso com varios chefes da nobreza taes como os condes de Egmont e de Hornes, que foram decapitados na grande praça de Bruxelas. O medo desnorteava uma parte da população que buscava abrigo e socego fora da sua patria, mas por outro lado tambem se desenhava a revolta em todos os cantos do país; de noite, apareciam bandos de gente armada que pilhava os castelos e as igrejas.

O duque d'Alba, homem gravado na historia pelo seu instinto cruel e falso, achou que o regime inquisitorial ainda era pouco. Carecia de mais alguma coisa para esmagar o povo e então, lembrou-se de lançar impostos extraordinarios, embora do seu pagamento dependesse a miseria. Esta medida, claro está que só poderia augmentar a raiva contra os hespanhoes.

O rei compreendeu a situação e, convencendo-se da politica desorientada que se estava fazendo bem como das suas pessimas consequencias, mandou chamar o duque que entrou em Hespanha apoz seis anos de governo, gabando-se de que tinha mandado executar mais de 18.000 pessoas.

Veio depois D. Luís de Requezens que pouco durou e cuja morte foi o sinal de alarme para uma terrivel anarquia aumentada pelos crimes dos soldados que não recebiam o pret ha mais de seis meses; durante tres dias saquearam a cidade de Gand, tendo perecido neste desastre cerca de 7.000 pessoas.

Seguiu-se-lhe D. João d'Austria que, tendo recebido a missão de restabelecer a paz, fosse como fosse, prometeu uma anistia geral mandando retirar toda a soldadesca hespanhola e italiana. Morreu em 1578 deixando o governo geral a seu sobrinho Alexandre Farnèse, duque de Parma e filho da duqueza do mesmo titulo. Principe

de grande valor intelectual e habil em politica, soube tirar um grande partido da antipatia existente entre os valões e flamengos. Foi este governador quem estabeleceu, debaixo da autoridade de Filipe II, a superficie da Belgica actual.

O monarca hespanhol fez dos Países-Baixos uma provincia independente da Hespanha dando o governo a seu sobrinho Alberto d'Austria, arcebispo de Toledo que, renunciando ás dignidades ecclesiasticas, casou com Isabel, filha de Filipe II. A administração d'estes soberanos foi calma, benefica e paternal. Morreram sem deixar filhos e por este motivo a Belgica voltou para a Hespanha que continuou a mandar governadores.

Vamos agora um pouco mais depressa:

Apoz a paz dos Pirineus (1659), Luís XIV viu na conquista da Belgica uma necessidade para o seu governo. Tendo-se levantado contra ele quasi toda a Europa, a Belgica tornou-se o theatro da guerra durante cinco anos consecutivos. De 1689 a 1697 o sangue correu em enxurrada e o país sofreu prejuizos incalculaveis. Foi então que teve logar o cerco e a tomada de Namur e que se travaram as batalhas de *Fleurus*, *Steenkerque* e *Neerwinde*.

O seculo XVIII abriu com a guerra da sucessão de Hespanha e a batalha de *Ramillies*, perdida por Villeroy, retirou a Belgica á França.

Pelos tratados de *Rastadt* e da *Barrière* (1715) a Belgica foi dada ao imperador da Austria; os hollandeses e os ingleses ficaram com o privilegio de ter uma guarnição nas cidades de Namur, Tournai, Ménin, Furnes, Ypres e Dendermonde. Desta maneira, as provincias já arruinadas pela longa sequencia de guerras que se tinham succedido quasi sem interrupção durante mais dum seculo, ficaram ainda reduzidas a uma nova humilhação.

A guerra da sucessão d'Austria fez novamente da Belgica um campo de batalha e a vitória do marechal de Saxe deu toda a Belgica a Luís XV de França. Em 1748 os aliados pediram a paz. As negociações começaram em Aix-la-Chapelle e chegaram ao resultado digno duma guerra feita, por assim dizer, sem um fim. Esperava-se que Luís XV fizesse exigencias territoriaes e os aliados pareciam dispostos a esse sacrificio; declarou,

porem, com surpresa geral, que queria tratar não como comerciante mas como rei; e com esta maneira de vêr muito absurda que escondia a pressa de terminar com uma guerra que consumia o dinheiro dos seus prazeres, ficou-se sem nada pedir para premio das vitórias dos seus aliados — os belgas — que haviam sacrificado 500.000 homens, arruinado a marinha e aumentado de um milhão e duzentos mil francos a divida nacional.

Maria Thereza d'Austria, filha e herdeira de Carlos VI, imperador da Alemanha, senhora da Belgica pelo tratado de Aix-la-Chapelle, confiou o governo a seu cunhado, Carlos de Lorena, que angariou simpatias pela dôçura do seu character. As finanças equilibraram-se; a industria, as letras e as belas artes progrediram e o país teve um periodo de bastante felicidade. Maria Thereza e Carlos de Lorena morreram ambos em 1780.

Durante os oito anos que se seguiram e em que governaram José II, filho de Maria Thereza e de Francisco I; Leopoldo II, irmão de José II, e Francisco II, filho de Leopoldo II, nada se passou verdadeiramente de anormal. Dir-se-hia que o paiz estava esgotado e carecia d'um repouso bem longo. E' porém um facto averiguado que o povo, embora não levantasse a voz, não se sentia á vontade. Querem a prova?

Em 1789 o movimento da Revolução franceza propagou-se até á Belgica. As batalhas de *Valmy* et de *Gemmapes* depararam a Belgica aos soldados francezes.

Em 1793, a perda da batalha de *Nerwinde* retirou a Belgica á França, mas no ano seguinte a victoria de *Fleurus*, alcançada por Jourdan, assegurou definitivamente a posse do mesmo paiz. No dia 1 de Outubro de 1795 a reunião da Belgica á Republica Franceza foi pronunciada e reconhecida com grande solemnidade.

Com a queda do Imperio, os exercitos amigos entraram na Belgica. O general Carnot sustentou em Anvers um cerco memoravel e só entregou a praça aos inglezes á ordem do conde d'Artois.

Em 1815 a Belgica tornou-se mais uma vez o teatro duma luta sangrenta. Vinte anos de conquistas vieram aniquilar-se em *Waterloo*. Os Belgas combateram nas fileiras dos inimigos da França.

O *congresso de Viena*, deliberando com uma imprudencia que devia fatalmente desencadear novas lutas,

reuniu a Belgica á Holanda, duas antigas rivaes, duas raças irreconciliaveis, e formou o reino dos Paizes-Baixos debaixo da soberania de Frederico de Nassau, principe d'Orange, com o Estado de Guilherme I.

Guilherme de Nassau valeu-se de todos os meios possiveis e imaginaveis para furtar os belgas ás influencias da França, proibindo mesmo o uso da lingua franceza em todos os átos publicos. Mas os esforços mal calculados pelo monarca para a fusão dos dois povos, só aumentavam cada vez mais a antipatia dos belgas pelos holandezes. Um dos grandes espinhos que feriam o patriotismo, provinha do sistema eleitoral em virtude do qual os 4 milhões de habitantes das provincias do Midi não tinham mais representantes que os dois milhões das provincias septentrionais. Formou-se um partido liberal á semelhança d'aquelle que combatia em França as tendencias da Restauração. Ao lado deste appareceu um partido catolico que teve os seus jornais inspirados nos principios ultramontanos. A imprensa estava ligada, mas tinha contudo plena liberdade de acção para fiscalisar os actos do governo francez. Em 1828 a orientação dos partidos belgas, mudou. Os liberaes, compreendendo que o programa nada tinha de favoravel á causa da independencia nacional, desligaram-se destes. Um publicista, chamado Potter, que pelos seus escritos se tinha revelado um inimigo figadal do clero, entrou nesta aliança. A violencia dos seus artigos começou a apaixonar a opinião publica e em 1830 foi condemnado a oito anos de reclusão por ter apresentado um projecto de subscrição nacional — contribuição permanente destinada a indenisar os funcionarios independentes que fossem exonerados pelo governo. A 4 de Junho do mesmo ano, umas cinco semanas depois da prisão de Potter, o governo reconheceu a necessidade imperiosa de fazer uma concessão ao povo para assim acalmar a agitação dos espiritos e então, autorisou os tribunaes das provincias meridionaes a fazerem uso da lingua franceza. Esta concessão, vivamente solicitada ha dez anos, chegou tarde. A revolução de 1830 que rebentou em Paris teve grande influencia nos belgas e deu coragem á cidade de Bruxelas.

O movimento começou a 25 de agosto á saída dum espectáculo durante o qual as alusões revolucionarias tinham sido aplaudidas com entusiasmo. O primeiro cui-

dado da multidão foi destruir as instalações do jornal do governo e assaltar os espingardeiros para roubar armas e munições. Os insurretos adotaram então a antiga bandeira brabançona: encarnado, amarelo e preto. Uma comissão administrativa provisória pediu a separação da Belgica da Holanda. Depois de varias tentativas de conciliação que não deram resultado, apresentou-se ás portas da capital no dia 23 de Setembro um corpo de 12.000 holandezes. Das principais cidades do paiz saíram heróicos defensores da causa nacional e os homens que não tinham armamento valeram-se de pedras para a defeza da patria. Foi uma luta tremenda em que a pedrada tomou uma parte tão activa como o tiro. Os holandezes refugiaram-se em Anvers e foi aí, em fins de outubro, que obtiveram o armistício concedido pelo general Chasse.

A Belgica estava independente.

Reuniu-se o congresso nacional e apresentaram-se tres partes em litigio: uma queria a reunião á França; outra, que tinha como chefe o publicista Potter, propunha a republica; a terceira optava pela monarquia constitucional. A sessão foi animada pelo calor com que os partidos defendiam os seus principios, mas, verdadeiramente, nada se estabeleceu de positivo.

A Belgica estava já farta do seu periodo provisório e começava a desenhar-se um certo receio de qualquer golpe imprevisto, quando surgiu uma candidatura com o agrément da Inglaterra e que obteve a maioria dos votos: foi a do principe Leopoldo de Saxe-Coburgo.

Tendo o rei da Holanda recusado a sua assinatura no «Tratado dos dezoito artigos» em que estavam lançadas as condições da separação dos dois países, as hostilidades recommçaram. O país estava porem prevenido com officiaes capazes e um exercito disciplinado — garantia absoluta para a sua vitória sobre os holandeses. A guerra foi mais uma vitória para os belgas e a 8 de setembro de 1831 realisou-se a abertura das camaras.

Finalmente! A Belgica começou vida nova, entrou numa verdadeira fase de pacificação absoluta; o povo, por sua vez, pôde dar expansão aos seus grandes recursos para o trabalho.

Eis um resumo muito mal alinhavado do passado historico da Belgica que sofreu amarguras incalculaveis, derivadas em grande parte da questão religiosa e da sua

posição geográfica. Quantas vezes, não só a politica interna como a politica internacional arrazaram as cidades e fizeram verter pelos campos e ruas o sangue de milhares e milhares dos seus filhos?

Não ha cidade belga que não tenha uma historia triste e sangrenta. O passado das cidades prende-se sempre com o da nação e quando um país, como este, sofre tão frequentes e violentas perturbações, evidentemente são as terras que passam o mau bocado. O norte não foi mais acidentado do que o sul, ou o oriente mais do que o ocidente. As tempestades desencadearam-se com a mesma intensidade de fogo e de miseria sobre todas as provincias. O massacre teve dias em que se inclinou mais para a direita do que para a esquerda e vice-versa.

A Belgica foi sempre um autentico campo de batalha e debaixo das terras que, presentemente sustentam as obras da arquitetura moderna, ha ossos de todas as nacionalidades; a terra dos campos tão fertéis para a agricultura foi ensopada com sangue de todas as raças. Não ha aldeão que se não apresse a transmitir a qualquer estranho tudo quanto os pais ou avós lhe contaram sobre o papel desempenhado pela sua terra natal. E, seja onde fôr, encontra-se sempre uma reliquia d'esse mesmo passado que se respeita e venera com fanatismo.

Um país tão massacrado desde o começo da sua vida até á queda do ultimo representante da casa d'Austria — Lorena, recheiado de convulsões e que foi um joguete nos braços de ferro da ambição, andando sempre de Herodes para Pilatos, devia assistir ao despontar dum novo horizonte — garantia dum futuro prospero e risonho. Pertencia-lhe este direito e devia, portanto, gosá-lo. Estava porem nas suas mãos, dissipado o nevoeiro tragico da existencia, mostrar tudo quanto era capaz de fazer. Efectivamente a Belgica assim fez, caminhando com precaução para não tropeçar, mas seguindo sempre por estrada direita lembrando-se de que devagar se vae ao longe.

\*

\* \*

Leopoldo Jorge Cristiano Frederico, que havia tomado parte na campanha de 1813 como general do exercito russo, naturalisou-se inglês com o titulo de duque de

Kendal e casou com a princeza Carlota, filha do príncipe de Gales e herdeira presuntiva da corôa. Tendo enviuvado pouco depois do seu enlace, adotou uma vida absolutamente alheia á côrte e á politica. Em 1830 um protocolo da Confederação de Londres ofereceu-lhe o trôno da Grecia que ele entendeu por bem recusar, mas um ano depois, em 21 de junho de 1831, prestou juramento como rei dos belgas. Do seu consorcio em segundas nupcias com a princeza Luiza d'Orleans, filha de Luís Filipe, surgiu uma nova corrente de simpatia e amizade entre os belgas e franceses.

Leopoldo I, modelo completo e perfeito dum rei constitucional, durante o seu reinado, preocupou-se mais em conciliar os partidos do que propriamente defender-se deles. Escravo da opinião publica era tão habil em conhecer as suas inclinações como em satisfazer as suas vontades.

A revolução de 1848 só produziu efeitos e teve consequencias favoraveis ao rei. Apoz alguns movimentos do partido republicano, Leopoldo I não hesitou em falar ao seu povo dizendo-lhe que não duvidava em abdicar da corôa, se a nação estivesse convencida de qué podia ser mais feliz com um governo republicano.

Naquela epoca, o estado moral do povo belga assemelhava-se um pouco áquele que se via em Portugal nas vespersas da queda da monarquia. O rei vivia enganado não só pelos seus politicos como pelos intimos. Teve porem aquele rasgo para definir a sua situação da maneira mais honrosa possivel. Com ele, conseguiu que as forças republicanas depozessem as armas e obteve uma grande vantagem que foi consolidar o trôno mais do que nunca. Se Leopoldo I tivesse sido um cobarde e tremesse como varas verdes para salvar a pele, teria fugido deixando a monarquia enterrada.

Em 1865, subiu ao trono o príncipe herdeiro e duque de Brabante, Leopoldo II.

A Europa e principalmente a França, ou antes, Paris, conhece Leopoldo II como um dos mais famosos heroes da aventura, do escandalo e da orgia. Efectivamente ninguem pode negar que a sua vida tivesse sido ruidosa até á data em que o corpo se deitou para não mais se levantar. Se é certo porém que se não podem negar as aventuras de milionario que lhe derruiram o nome de ho-

mem regrado, de pae exemplar e disciplinador, tambem não é menos verdade que ninguem aparece para contestar os relevantes serviços que prestou ao seu paiz. Dotado de excepcionaes qualidades de intelligencia e de trabalho, senhor duma imaginação fecunda e sonhador de grandes projéto, fez uma obra que marca uma *étape* brilhante na historia da Belgica: a colonisação do Congo. A grande colonia belga que nós vemos hoje caminhar livremente numa estrada de riqueza, de progresso e de florescencia, só deve a Leopoldo II e a mais ninguem, tudo quanto é e tudo quanto vale. O monarca, encetando uma obra arrojada e difficil, teve em mira altos interesses financeiros, cujo successo lhe permitiu derreter dinheiro á doida e deixar ainda uma fortuna invejavel, mas por outro lado pensou que tão ardua tarefa seria a chave d'ouro do seu reinado com a qual poderia aferrolhar um grande pedaço da critica á sua conduta moral. Conseguiu-o.

Leopoldo II foi ainda um rei que se preocupou deveras com o embelezamento do seu paiz e particularmente da cidade de Bruxelas. Com a sua vontade de ferro, secundava todas as iniciativas que lhe pareciam vantajosas embora fosse necessario vencer as peores difficuldades. Teve bons colaboradores, mas era homem para trabalhar sem ajudas de ninguem. Morreu velho, mas morreu cedo. Devia ter vivido mais uns quinze anos. Com tão lamentavel desaparicação, adormeceram varios projéto que não tornam a acordar, entre os quais a construcção da basilica do Sagrado Coração que seria uma obra imponente.

Eis-nos finalmente chegados ao reinado de seu sobrinho, o famoso e heroico Alberto I que o mundo inteiro hoje conhece, admira, respeita e elogia.

Quem era Alberto ainda nos fins do primeiro semestre de 1914? Um bom rapaz, sem força moral para enxotar uma mosca, dizia o seu povo. Esta opinião feriu-me o ouvido, vezes sem conto. Não se dizia mal do monarca, mas por outro tambem se lhe não teciam rasgados elogios. Como rei passava desaperecebido; como homem era estimado pelo seu viver franco e burguês.

Sua esposa, a mulher mais rica de virtudes que eu conheço e que de rainha tem apenas o nome, com a grandeza dos seus sentimentos só podia tornar-se credora da simpatia nacional. Sempre viveu no coração dos pobres, assim como os pobres nunca lhe fugiram da imaginação.

Na hora actual, não sei dizer a V. Ex.<sup>as</sup> do que eu proprio seria capaz para aniquilar as dôres moraes que lhe dificultam e esmagam a existencia, essa existencia que, infelizmente, parece não ter consistencia para lhe dar longos e felizes anos de vida. E, entretanto, não sou belga.

O que Elisabet da Baviéra tem feito, é extraordinariamente admiravel. A sua obra é tão grandiosa, o seu calvario tem sido tão doloroso que, para mim, ella é quasi tão santa como as mulheres que a Igreja católica canonisa e num altar impõe á nossa admiração.

Fico por aqui para me não afastar do programa de hoje. Queria sómente dizer a V. Ex.<sup>as</sup> que a familia real da Belgica, antes da guerra, era já considerada como trigo sem joio. Era uma familia liberal, desprerenciosa, sincera, esmoler e caritativa. Dispunha de qualidades que rarissimas vezes se apontam áquelas creaturas que têm a honra de se sentar num trôno — o maior simbolo do poder e da grandeza que a humanidade conhece. Era só isto.

\*

\* \* \*

A população da Belgica compõe-se de duas raças muito distintas: Flamengos e Valões. Os primeiros descendem do tronco germanico e os segundos do tronco latino. Ha uma separação radical entre uns e outros e, não exagero as minhas impressões declarando que, entre uns e outros, não ha estima e, mais ainda, nota-se com facilidade um certo desprezo. Esta divergencia não vive encapotada nem tem um character muito intimo. Não. Revela-se todos os dias e a todas as horas e dela têm surgido conflitos de tristes consequencias.

Para quem tiver o espirito de observação, bastam-lhe algumas horas em qualquer ponto da Belgica para descobrir que flamengos e valões são tão amigos como o cão e o gato.

Poder-se-hão attribuir aos dirigentes do país algumas responsabilidades deste facto tão lamentavel? Não. Podem os mesmos dirigentes tomar medidas tendentes a unil-os com mais simpatia? Não podem. Os governos, seja qual fôr a feição politica, poderão empregar todos os meios, como até agora tem acontecido, para contentar estes ou aqueles, atendendo reclamações impostas pelas

necessidades do idioma, conveniências locais, etc. Todavia o que os governos não podem fazer, porque a variação de condão já não existe, é personificar numa só, duas raças filhas de duas hastes completamente opostas, duas raças que se não compreendem quando falam e cujos caracteres diferem tanto como o dia e a noite.

O cancro da vida política da Bélgica durante o reinado de Leopoldo I foi o antagonismo dos partidos católico e liberal que, levantando uma crise parlamentar e nacional, só pôde terminar com novas eleições das quaes saiu vencedor o partido liberal. Varias foram as causas desta luta tremenda em que os dois partidos se lançaram, mas a mais importante e que se debateu com mais firmeza foi a diversidade das raças flamenga e valã.

Um movimento do povo flamengo (*de vlaamsche beverging*) que as classes mais distintas da sociedade belga recusaram tomar a serio, encarando-o como tempestade num copo de agua, propagou-se com tal extensão e rapidez que se tornou uma questão vital para a Bélgica...

«A constituição belga, diziam os flamengos, declara que o emprego das linguas é facultativo. Onde está a sua liberdade? Nos ministerios e nas camaras? Não. Nos concelhos provinciaes e comunaes, no ensino, nos tribunaes, no exercito? Não. Antes da revolução, protestava-se contra o emprego exclusivo da lingua holandesa na administração e no ensino; todos se queixavam de que a maior parte dos funcionarios eram holandeses; porventura não temos nós agora os mesmos motivos para nos queixarmos do emprego exclusivo duma lingua estrangeira? Não são os valões que desempenham quasi todas as funções publicas?»

Esta questão das linguas, como V. Ex.<sup>as</sup> acabam de ouvir, achacou e voltou a politica entre 1851 e 1857 e ainda hoje se mantem de pé, embora numa fase relativamente calma; comtudo, tem envolvido o actual governo em serios embaraços derruindo-lhe, a pouco e pouco, a força eleitoral. E esta mesma questão é a alma da discordia entre os flamengos e valões.

Quando se pergunta a alguem qual é a lingua official do Estado, ninguem sabe responder. E' o francês, diz um valão; ora, ora, atalha logo um desconhecido que com todo o descaramento se intromete na conversa, é tanto o

francês como o flamengo. Trava-se pela certa discussão que facilmente atinge proporções de violencia e, se por acaso os individuos nela envolvidos pertencem a uma baixa esfera social, o assunto liquida-se sempre por maneira pratica, positiva e lamentavel.

Em Lisboa, uma revista sem o fado é comida sem sal; muitas vezes um fadinho bem chorado salva um quadro e até a peça inteira. Pois em Bruxelas dá-se um caso identico: revista sem um dialogo entre um flamengo e um valão nunca poderia fazer longa carreira. Aqui, decora-se a musica; lá, decoram-se as piadas.

Certo é, porem, que na Belgica estão valorisadas as duas linguas, o francês e o flamengo, mas aquella exerce indubitavelmente uma grande preponderancia sobre esta.

Dá-se todavia um caso muito curioso: em cada provincia flamenga ha uma maneira especial de falar; a lingua difere não só na provincia como tambem em muitas palavras. O flamengo de Bruxelas não é o mesmo de Gand ou de Anvers; é comtudo nesta ultima cidade que se fala o flamengo tal como deve ser. E' desta discordancia e do facto do flamengo ser util só na Belgica que o idioma não inspira a ninguem vontade de o estudar. A propria aristocracia flamenga é a primeira a optar pelo francez.

Os valões, por sua vez, tem um dialecto francês mas que é falado apenas em familia. Este dialecto tambem não é o mesmo em todas as provincias. E' porem de muito mais facil comprehensão, principalmente para os latinos, e bastante agradavel ao ouvido.

Como se vê, é uma salada com o tempero bastante para que as duas raças se descomponham e injuriem, porque acima de tudo lá está o odio natural fustigado pela diferença de sangues.

Talvez — quem sabe! — que o grito sagrado que os chamou para a defesa da patria em perigo, grito que ecoou com a força mais que precisa para os reunir pela primeira vez na mesma comunhão de ideias acotovelando-os e atropelando-os, fraternal e amigavelmente, no campo da batalha e fazendo de todos eles um só corpo valente com a mesma alma patriotica a sentir e o mesmo coração heroico a palpitar, talvez que esse grito, repito, lhes fique bem gravado no ouvido e tenha o talisman de

conservar um timbre perpetuo afim de que nunca mais se desliguem e, por consequencia, não mais se detestem.

Estes são os meus votos sinceros, porque amo os belgas de quem só recebi atenções e carinhos, mesmo nas horas mais amargas e aflitas do terror que lhes assolou a patria. Amo-os sem distincção, mas pelos valões tenho um affecto muito particular, filhos do reconhecimento, porque foram alguns deles que bastante se sacrificaram para me libertar dos ferros malditos que me guardavam numa enxovia á ordem do pseudo-Napoleão que o Universo conhece por Guilherme II. E neste momento, ouvem-me alguns estudantes portuguezes da Universidade de Liége que podem dizer quem é e quanto vale o belga valão, essa creatura generosa que, não podendo resistir aos impulsos do seu coração, vezes sem conta, mitigou a fome e matou a sêde ao seu proprio inimigo, o alemão, dando-lhe ainda cama para dormir e dinheiro para fumar.

A historia, reprodução fiel da verdade, dirá se isto é mentira.

∴

\* \*

A forma do governo é a monarquia constitucional com duas camaras ambas electivas e o rei dos Belgas tem ainda o titulo de soberano do Estado Independente do Congo, que foi creado pelo grande colonizador Leopoldo II.

A politica divide-se em tres partidos: catolico, liberal e socialista. E' o primeiro destes que está no poder ha cerca de trinta anos e que se não mostra disposto a abandonar a arrematação dos ministerios. Até agora só mostrou ser tão forte como as forças reunidas dos seus inimigos, porque tem resistido a todos os vendavaes disparados contra a tática e acção governamental. Não vem para o caso apontar os recursos de que os catolicos se têm valido para se não despenharem das cadeiras ministeriaes; o essencial é constatar que o partido vive no poleiro ha pouco menos de trinta anos, ao passo que em Portugal...

Nestes ultimos anos a luta tem sido mais vigorosa e o terreno perdido pelo governo está em poder dos liberaes e socialistas. As ultimas eleições, feitas com serenidade e sem a mais leve nota de discordancia, deram como principal resultado a perda de quatro deputados gover-

namentais. O facto é significativo ; denuncia, quando mais não seja, um certo descontentamento que lavra na opinião publica. Onde estão as origens desta corrente desfavoravel? Em grande parte, nas leis militar, do ensino e na exigencia socialista do Sufragio Universal, etc., etc., etc. Vejamos dois problemas importantes :

No territorio belga ha, presentemente, cerca de quatro mil casas religiosas que albergam pelo menos cem mil religiosos de ambos os sexos. Estas congregações que se dedicam ao commercio e á industria fazem uma concorrência espantosa aos commerciantes laicos, pois a mão d'obra fica-lhes muito mais barata e têm ainda a vantagem de não pagarem decimas nem contribuições. Nos conventos fabrica-se de tudo, com perfeição, rapidez e preço mediocre ; explora-se o commercio em alta escala e ha congregações masculinas que se dedicam ao jornalismo e artes graficas. O capital é monstruoso. O governo é acusado de pecar gravemente com a tolerancia ilimitada que concede em beneficio dos conventos e em detrimento do commercio legalmente constituído. Mas por outro lado, as congregações prestam grandes serviços ao Estado, recolhendo e tratando doentes, disciplinando e encaminhando raparigas desregradas, abrigando e educando creanças, socorrendo e confortando os pobres. A ausencia das casas religiosas podia beneficiar, e beneficiava com certeza o commercio e a industria ; por outro lado, porém, mostrava e aumentava a miseria social.

Creiam V. Ex.<sup>as</sup> que nesta opinião não ha *parti pri*; conheço mesmo muitos liberaes e socialistas cujos filhos, uns já foram e outros estão sendo educados pelos religiosos. E' que o ensino geral, pondo de parte as orações, é minucioso e completo.

O governo, sendo catolico, não pode investir contra as congregações. Se porém *ámanhã* forem chamados os liberaes ou socialistas, tenho a certeza de que nenhum destes pensará em fechar as casas religiosas. Assim me disseram varios deputados, e entre eles o leader socialista M. Emile Vandervelde. Qualquer dos partidos regulamentará, em harmonia com as leis vigentes, as horas de trabalho nas casas religiosas, obrigando-as ao mesmo tempo e com justiça ao pagamento das decimas que lhes competem. Encerral-os, como aconteceu entre nós, não seria possivel sem um conflito gravissimo e fatal, aliás

bem calculado pela politica. A população é manifestamente catolica e nenhuma das côres politicas tem por norma contrariar ou combater as crenças do povo. Este exemplo é dado pelo atual Governo.

Passemos do problema religioso ao problema militar, aquele cuja discussão esteve sempre na ordem do dia.

Depois da guerra de 1870, a Belgica, tendo a leste a terrivel potencia militar da Europa, começou a encarar a possibilidade duma invasão armada, embora a sua neutralidade tivesse sido respeitada durante a guerra franco-prussiana. O governo pensou logo na defesa nacional, lembrando-se ao mesmo tempo de que era o paiz quem possuia o maior engenheiro militar do seculo XIX, o general Brialmont, que certamente não regateava o seu talento e a sua atividade para uma obra onde estava o seu maior ideal.

Durante alguns anos, a questão do exercito teve preferencia sobre a das fortalezas. Levantaram-se grandes obstaculos acerca dos projéto tendentes á categoria dos forte, mas o governo, aceitando a opinião de Brialmont, resolveu fazer de Liége e de Namur fortalezas, e desprezou a proposta do general Dejardin para que Bruxelas fosse transformada n'uma praça forte de primeira classe ligada a Anvers por contra-fortes.

Com o decorrer do tempo as coisas mudaram. Votou-se um certo abandono a Liége e Namur, e Anvers tomou o logar que lhe havia sido dado no esquema de defesa de 1859, isto é, a mais solida posição do reino, no qual se basearia todo o campo de operações — quer contra os invasores alemães quer contra os invasores franceses.

Em 1863, data em que a população da Belgica era de 5 milhões de habitantes, o exercito compunha-se de 73.718 homens. Nas fileiras estavam sempre 38.000 homens. O serviço era por oito anos: quatro no átivo e quatro na reserva. Em 1899, a força em tempo de guerra elevava-se já a 130.000 homens mas eram precisos pelo menos uns 50.000 para as guarnições das fortalezas de Liége e Namur. Por este motivo foi aprovado em 1902 um projéto de lei reorganizando o exercito e em virtude do qual entrariam 180.000 homens nas fileiras em caso de mobilização. Depois de completas as guarnições dos fortes, o exercito de operações de campanha atingia um total de 100.000

homens, isto é um aumento de 20.000 homens em relação a 1899.

Entretanto o perigo internacional avolumava e apareceu em 1909 uma reorganização do exercito — um dos ultimos decretos assinados por Leopoldo II. Pela nova lei, obter-se-hia, em caso de guerra, um efetivo de 210.000 homens nas fileiras.

O campo entrincheirado de Anvers estava-se porém desenvolvendo duma maneira espantosa e este progresso exigia uma grande guarnição. Eis o facto capital que levou o governo a apresentar ao parlamento em Janeiro de 1913 um novo projéto de reorganização e que estava sendo posto em andamento quando rebentou a guerra. Não devo entrar na apreciação desta lei que, alem de trazer um grande descontentamento nacional, serviu de instrumento á politica para mais uma vez atormentar, duma maneira muito séria, o atual governo. E digo, não devo, porque me não julgo com autoridade para o fazer. Sempre me desinteressei por completo das questões militares, naturalmente pela razão de ser anti-militarista. Direi contudo para elucidar os que me ouvem que, por essa reorganização, a força armada devia elevar-se ao seguinte: no exercito de operações 150.000 homens; em Anvers, 90.000; em Liege, 22.500; em Namur, 17.500; reservas em deposito, 60.000. Total: 340.000 homens. Para isto se conseguir, foi decretado o serviço militar obrigatorio. Havendo, porém, algumas isenções e contando com os que não eram aptos para o serviço, calculava-se que não eram chamados ao serviço por ano mais de 49 por cento do contingente. O limite dos 30 anos voltou a ser adotado para a mobilização. Mesmo assim, podia pôr-se em pé de guerra: da classe de 1913, 30.000 homens; das quatro classes de 1909 a 1912, a 20.000 cada classe, 80.000; oito classes, de 1901 a 1908, a 13.300, 106.400; voluntarios, a cerca de 2.500 por ano, embora fôsse menor o seu numero desde 1901, 34.600; recrutas da classe de 1914, 33.000; quadros profissionaes, 12.000. Total 296.000 homens.

Deduzindo 15 por cento dos inaptos e cêrca de 2.000 adidos á gendarmeria, o total ficava assim reduzido a 263.000 homens, 130.000 dos quais deviam entrar nas fortificações. Tinha pois que recorrer-se ao auxilio da guarda civica. Como muito bem disse um recente historiador, a guarda civica é uma sobrevivente das guardas nacionaes

dos dias em que os cidadãos em armas combatiam pela liberdade contra a autocracia governamental; com as suas virtudes e os seus defeitos é, contudo, a verdadeira descendente dos bandos de cidadãos que combateram na guerra da Independencia, e das guardas nacionaes que em França, Alemanha e Italia tiveram tão grande parte nos movimentos revolucionarios de 1830 e 1848.

Na Belgica, constituia um corpo de exercito muito regular, e o melhor auxilio que ela poderia prestar seria guarnecer as fortalezas.

Quanto ao armamento, a infantaria usava a espingarda Mauser, modelo 1899, e da artilharia parte era da Krupp, parte fabricada na propria Belgica — Fabrica Nacional de Herstaal. Os tipos das metralhadoras eram tres: *Hotchkiss*, usada nas fortalezas, *Maxim* e *Berthier*.

Esta ultima dum pezo relativamente diminuto era montada, só para o transporte, num carro com rodas de bicyclete e puxado por dois ou quatro cães.

O armamento que se não podia fabricar no país tinha sido encomendado á Alemanha. Faço esta observação a V. Ex.<sup>as</sup> para melhor poder dizer que em julho de 1914 estavam já pagos ha muito tempo alguns canhões, cuja entrega a Alemanha nunca fez, apesar de promptos, tendo-se pois servido deles para combater os proprios belgas. Algumas das munições que vieram daquele país tambem se averiguou trazerem areia em vez de polvora. Aqueles senhores sabiam muito bem tudo quanto estavam fazendo . . .

Por tudo quanto acabo de expôr, creio que chegamos todos á conclusão de que a defesa nacional nos ultimos dias pacificos de 1914 estava preparada com pouco mais de 260.000 homens. Quanto ás fortificações, Anvers era o sonho dourado, ficando Liége e Namur num plano inferior. Estas eram simples fortalezas — barreiras para se sustentarem por poucos dias, ao passo que aquela era a chave do reino. Anvers era tudo; Liége e Namur quasi nada.

Os acontecimentos provocaram alguma surpresa? V. Ex.<sup>as</sup> o saberão na proxima conferencia, se por acaso não leram os jornaes.

Se esbocei a organização militar no momento em que tratava do regimen politico, suas qualidades e defeitos, foi simplesmente pela existencia de relações entre os dois assuntos.

Os partidos da opposição accusaram o governo duma grande falta de escrupulo, ou antes, dum grande relaxamento com a defesa nacional; mas o povo belga indirectamente aprovava a acção dos seus dirigentes porque não acreditava que a Alemanha ou a França fossem capazes de violar a sua neutralidade.

Pobres Belgas! Esqueciam-se de que o seu progresso poderia disputar a inveja da vizinhança. Como viviam dum trabalho honesto, activo e florecente, julgaram que os outros respeitariam sempre a honra e a dignidade com que eles se elevavam perante o mundo.

Se houve um erro, a culpa foi de todos e não foi de nenhum. E a prova de que isto é verdade, está na rapidez com que todos acudiram ao toque de reunir e no entusiasmo com que todos se abrigaram debaixo da mesma bandeira. Desapareceram as rixas politicas, os rancores pessoaes, a divisão das raças e todos se lembraram de que antes de tudo e acima de tudo eram Belgas e só Belgas.

De agosto para cá, ouvi criminar o governo vezes sem contô, mas aqueles que o accusavam sempre diziam: «a culpa tambem foi nossa».

\*

\* \*

O ensino na Belgica tem fama universal. A's universidades de Liége, Gand e Louvain todos os anos acodem milhares de estudantes vindos não só dos países da Europa como da America. Esta enorme concorrência não tem sido obtida á custa de grandes assopros de reclame, mas sim dos resultados praticos que ali alcançam os que pensam em ser alguém. Portugal, diga-se em abono da verdade, sobre o ponto de vista academico tem na Belgica uma larga representação, facto que me é agradável constatar; e alguns dos nossos compatriotas, mercê do seu trabalho, já obtiveram classificações bastante honrosas e até brilhantes, principalmente em Liége.

(Continúa).

# : Questionario :

CAEBEM nesta secção todas as questões de utilidade geral em versões de assuntos e temas scientificos e de conhecimentos praticos, dadas em forma de questionario. As perguntas e respostas devem ser escritas só dum lado do papel, e assinadas como se quizer, com nome ou pseudónimo; porém, pelo que respeita ás perguntas, devem elas vir sempre acompanhadas com indicação do numero e nome do socio da Universidade Livre, que as faz, e do qual só o director tomará conhecimento. A fim de facilitar as referencias, convém que nas respostas se indique sempre o numero da pergunta correspondente.

O maior laconismo possivel, compativel com a natureza e compreensão do assunto, certamente convirá a todos — ao BOLETIM e aos correspondentes.

Sendo a Universidade Livre uma instituição de ensino mutuo, a direcção pede encarecidamente a todos os socios que tiverem conhecimento do assunto de qualquer pergunta o obsequio de enviarem logo as suas respostas, as quais serão todas publicadas desde que não tragam algum reclamo especial com prejuizo de qualquer.

## Respostas:

A' pergunta n.º 23 — *Aquecimento do mercurio* — Evidentemente que desde que o vaso foi cheio completamente e depois fechado, o vaso quebrar-se-ia ao aquecer-se a essa temperatura.

Quanto á 2.ª pergunta, a da pressão, esta seria uma pressão fantastica. Pode-se calcular por milhares de atmosferas (vidé coeficiente de dilatação dos metaes). — *Veres.*



A' pergunta n.º 38 — *Retoque de clichets* — «O modo mais pratico» é uma coisa relativa: o mais economico é usar simplesmente lapis macio ou tinta vermelha diluida; por exemplo, carmim.



A' pergunta n.º 41 — *Lentes fotograficas* — A pergunta é complexa, mas pode dividir-se em duas partes essenciaes.

1.ª — Qual a superioridade das

modernas anastigmaticas sobre as rectilineas?

Em resumo, consiste em serem aquelas corrigidas das aberrações inherentes ás lentes, e de darem imagens bem definidas e perfeitas em toda a superficie da chapa, mesmo a toda a abertura, isto é, sem o auxilio do diafragma, e de serem ao mesmo tempo muitissimo mais rapidas.

2.ª — Quem tiver uma Dallmeyer RR (rectilinea), estará muito atrasado para os trabalhos modernos?

Conforme: se quizer fazer grandes instantaneos com qualquer tempo, ou ter assuntos perfeitamente definidos e linhas correctas até ás extremidades da chapa, como acontece ser necessario nas fotografias de monumentos e edificios, está atrasado e muito; se quizer fazer apenas paisagens ou retratos com boa luz, em que possa usar o diafragma, está sufficientemente bem servido com a RR Dallmeyer ou qualquer outra do mesmo tipo. — *Santos Leitão.*

## Balancête do mês de Maio de 1915

## DEVE (Receita)

	Saldo de Abril . . . . .		109\$18,5
<b>Subscritores:</b>			
	Cobrança deste mês . . . . .	102\$69	
<b>Efectivos:</b>			
	Idem . . . . .	8\$60	111\$29
<b>Publicações:</b>			
	Lições de francês . . . . .	4\$20	
	3 livros de inglês . . . . .	5\$90	5\$10
<b>Devedores &amp; Credores:</b>			
	Ant.º Manuel Rodrigues . . . . .	1\$50	1\$50
<b>Subsidios:</b>			
	Da Assistencia—Abril . . . . .	15\$00	
	Da Camara Municipal—Deste mês	20\$00	35\$00
<b>Matriculas:</b>			
	Deste mês . . . . .		2\$20
<b>Cartões de identidade:</b>			
	Vendidos . . . . .		2\$50
<b>Gastos gerais:</b>			
	Recebido — Consumo d'electricidade neste mez . . . . .	1\$50	159\$09
			<u>268\$27,5</u>

## HAVER (Despeza)

<b>Rendas:</b>			
	Mês de Junho . . . . .		35\$00
<b>Publicações:</b>			
	Eduardo Rosa . . . . .	18\$90	
	Mauricio & C. <sup>a</sup> . . . . .	17\$10	
	Lewtas & Taboada, livros d'inglês	2\$10	38\$10
<b>Propaganda:</b>			
	Borges & Carvalho, 75 positivos e 12 dese- nhos . . . . .		28\$02
<b>Percentagens:</b>			
	Aos cobradores . . . . .		9\$55,5
<b>Despezas gerais:</b>			
	Deste mês . . . . .	53\$39,5	164\$07
	Saldo para Junho . . . . .		<u>104\$20,5</u>